

A Companhia de Eletricidade de Brasília completou, em dezembro do ano passado, dez anos de existência.

Com um desempenho empresarial dos mais expressivos, a CEB conseguiu resultados operacionais que a consagraram entre as principais organizações que operam no ramo de eletricidade, entre nós, com reconhecimento e proclamação de sua posição, tendo sido destacada nos anos de 1974, 75 e 76 como a empresa mais rentável do setor elétrico do Brasil.

Trata-se de um trabalho ordenado, realizado através de uma longa e penosa caminhada, com a participação solidária de seus dirigentes, seus técnicos e seu corpo de servidores, inscrevendo-se entre as empresas padrões de Brasília e do Brasil.

Suas origens modestas, vindas de um simples departamento da Companhia Urbanizadora da Nova Capital, em sua versão primitiva, dimensionada para construir Brasília, estabelece uma ligação histórica com o crescimento da Capital Federal, desde os seus primeiros dias.

A riqueza dos fatos que marcaram a epopeia da construção da Nova Capital, a presença de tantas figuras humanas ao longo dos últimos 20 anos, e a própria evolução da empresa, hoje uma das mais completas do País, sensibilizaram os seus dirigentes de então para uma iniciativa que marcasse no espaço e no tempo essa posição de notoriedade conquistada por uma empresa genuinamente de Brasília.

Nesse sentido foi projetada uma publicação que fosse o espelho dessa realidade, refletindo - se no seu plano editorial uma visão objetiva, impessoal e isenta de todos os fatores que se encadearam num somatório de inteligências e de vontades, de abnegação e de despreendimento que resultaram na consolidação definitiva da empresa.

"CEB - ANO 10", reúne em 7 capítulos depoimentos, avaliações e amostragens de tudo aquilo que de importante ocorreu na empresa, numa síntese admirável do quanto podem os homens de mãos dadas, voltados para um objetivo comum, sob liderança firme e acreditando naquilo que estão construindo.

O trabalho se abre com uma apresentação do Eng.º Aloysio Farias de Carvalho, sob um título geral de "A guisa de apresentação", com um sumário geral da vida da empresa, desde os seus primórdios do DFL, até os dias atuais, bem como um resumo sobre os demais capítulos.

A seguir vem a "Evolução dos Serviços de Eletricidade de Brasília" desenvolvendo ao longo de 18 páginas uma completa avaliação sobre o assunto.

O capítulo seguinte apresenta "Os números dos 10 anos da CEB", onde o leitor se surpreende com os valores que afloram com a realidade que exprime em termos de crescimento e de substância dos serviços prestados pela CEB.

"O homem - fator essencial" é um capítulo de estrutura especial, onde é retratada a participação da força de trabalho, na construção da empresa, num registro de rara sensibilidade evidenciando a validade e a precedência da intervenção humana nos meios e nos fins de quaisquer atividades e o sentido social que elas devem ter como aspiração maior.

As páginas que se seguem registram dois depoimentos pessoais de autoria de Armando José do Valle e de José Paulo Vianna. "Era uma vez", do primeiro deles, retrata momentos significativos da vida da CEB, desenvolvendo, num estilo leve e descontraído, uma visão histórica onde se misturam fatos e personagens que fizeram a vida da CEB: "As primeiras luzes", de autoria do segundo, registra com vigor os primeiros instantes vividos pelos pioneiros que aqui chegaram para começar a partir do nada.

Paulo Mello depois a seguir numa linguagem viva, desando com extrema sensibilidade o dramático, o grave, o jocoso e o histórico dos fatos de que participou, desde as primeiras horas da CEB.

Por fim, a transcrição de uma carta histórica de Lúcio Costa a Oscar Niemeyer, valorizada pela ilustração de fac-símile original, onde são definidas as linhas básicas para os projetos de iluminação pública, com detalhamentos comentários sobre as preocupações do criador do Plano Piloto para as roupas de luz de sua grande obra.

Em apêndice final uma coletânea de fotos de ontem, de hoje, de sempre, mostrando etapas distintas dessa grande escalada de coragem que foi a construção de Brasília, uma das maiores afirmações de nossa maturidade como povo empreendedor, consciente das grandezas de sua pátria e dos seus destinos.

Seguem-se os principais trechos do livro, que a CEB está distribuindo para uma clientela selecionada onde mostra, com justificada orgulho, a sua contribuição para a construção, a implantação e a consolidação de Brasília.

1 - À guisa de introdução

No dia 16 de dezembro de 1978, a Companhia de Eletricidade de Brasília - CEB completa dez anos de existência e de atuação como órgão responsável pelos serviços de eletricidade na área do Distrito Federal.

Para nós, mortais, dez anos representam um giro considerável na roda do tempo. Mas, em termos existenciais, para empresas de energia elétrica, dois lustros bem pouco significam, pois essas entidades são destinadas a perpetuar-se com a existência ilimitada das áreas, regiões e cidades a que servem.

Raciocinando em termos de desempenho, os dez primeiros anos de atuação configuram, para uma empresa, período sumamente importante, pois o êxito de qualquer organização depende, fundamentalmente, da forma como foi estruturada inicialmente. Tal como a criança que necessita orientação segura para, na idade adulta, poder enfrentar e dar solução adequada aos problemas da vida.

Em ensejo da comemoração do décimo aniversário da CEB, é, pois, conveniente fazer uma pausa, deitar os olhos sobre o passado e meditar sobre o que se fez, o que se está fazendo e sobre o tempo que está por vir.

É o instante próprio para a reflexão, o momento oportuno para examinar as realizações e avaliar os resultados.

Sendo a passagem dos dez anos da CEB, inquestionavelmente, um momento excepcional para essa avaliação, a idéia de narrar um pouco da história dos serviços da eletricidade da Capital da República, desde os seus primórdios, surgiu, assim, naturalmente. De modo espontâneo, impositivo mesmo.

E, portanto, imperativo, nesta oportunidade, recordar as origens, as dificuldades primeiras; analisar a audácia e a coragem dos homens que acreditaram no empreendimento; mostrar os primeiros passos que foram erguidos no plano, para iluminar, inclusive, a cruz de Cristo.

É necessário deixar registrados, para consulta e análise históricas, os números mais representativos, os fatos mais relevantes, os episódios mais pitorescos e, principalmente, relembra os nomes daqueles que, com vontade férrea e determinação inabalável, aceitaram os desafios e ousaram levar avante a magna tarefa.

Enfim, contar histórias ligadas ao sistema elétrico de Brasília e alguma coisa da história da evolução desse sistema, na qual duas entidades participaram: a NOVACAP, por intermédio da atuação do Departamento de Força e Luz de Brasília - DFL, e a Companhia de Eletricidade de Brasília - CEB.

Coincidentemente, o período de pouco mais de nove anos do ex-DFL é praticamente igual ao de existência da CEB. Assim, nesses quase 20 anos de constante atividade, tanto o DFL como a CEB alcançaram sucesso e sofreram vicissitudes, guardadas as circunstâncias peculiares às respectivas épocas.

O Departamento de Força e Luz de Brasília viveu a fase inicial da construção da Capital, enfrentando os problemas na sua origem. Era o cerrado inerte, invadido e mutilado pelas máquinas do progresso. Era a paisagem natural, sacrificada em holocausto à vontade subjuguante do homem. Era a forma original transformando-se em forma projetada. Era Brasília, enfim, que surgia. Com ela, os primeiros fios condutores de energia elétrica e a primeira lâmpada a espargir seus raios de luz na escuridão reinante.

O DFL, na qualidade de responsável pela implantação inicial dos serviços de eletricidade no Distrito Federal, lutou bravamente, embora, a rigor, nunca tivesse sido estruturado nem aparelhado como empresa de prestação de serviços públicos de energia elétrica. Faltavam-lhe a autonomia e flexibilidade administrativas indispensáveis às empresas dessa



natureza, compreendendo-se, porém, que, na época, tais condições ainda eram impraticáveis.

Quantas concessões foi o DFL obrigado a fazer, para não ver ruirem por terra todos os seus planos! A quantos privilégios teve que curvar-se!

Difícil início de luta. Tarifa, de fato, não existia. O DFL operava em regime deficitário, recebendo, para manutenção de seu equilíbrio econômico - financeiro, subsídios orçamentários do Governo. Os salários, por sua vez, eram muito baixos, não correspondendo aqueles atribuídos aos empregados de empresas de energia elétrica.

Urgia uma mudança radical nos métodos administrativos e no comportamento vivencial do órgão. A própria evolução da Capital da República ensejou a criação da CEB, em substituição ao antigo Departamento de Força e Luz da NOVACAP.

O DFL viveu a fase do sonho, da esperança. A CEB deveria viver a fase da nova realidade.

Em 16 de dezembro de 1968, a Companhia de Eletricidade de Brasília foi oficialmente instituída, de acordo com a autorização contida no art. 15 da Lei nº 4.545, de 10.12.64.

De saída, um dos seus mais importantes objetivos era, sem dúvida, criar a mentalidade empresarial, tarefa ingente, especialmente se atentarmos para as origens da Companhia.

Não se apaga de repente todo um passado, nem é fácil mudar uma filosofia de trabalho que se formou inadequadamente durante muitos anos, em termos de gerência de empresa de energia elétrica. A improvisação teria que ceder lugar à racionalidade.

Tornava-se imperioso fazer a nova entidade funcionar de acordo com as normas aplicáveis às empresas privadas, inclusive quanto ao direito do trabalho e ao das obrigações.

Em dez anos de nova política e novo estilo administrativos, isso realmente foi conseguido. Agora, já se podem apontar expressivas vitórias e muitos resultados animadores.

Efetivamente, a CEB hoje se impõe como uma concessionária respeitável, merecendo destaque o fato de, nos anos de 1974, 75 e 76, ter sido classificada como a empresa mais rentável do setor elétrico do país, considerado o índice de lucro líquido sobre patrimônio líquido.

E não é só.

A política de pessoal da Companhia se acha calcada na realidade e nos mais modernos métodos de desenvolvimento de recursos humanos, sendo os salários dos empregados compatíveis com os níveis de remuneração existentes no setor.

O seu sistema elétrico é dos mais modernos do país, atendendo a 98% da população do Distrito Federal.

Finalmente, a confiabilidade dos seus serviços atingiu índices que satisfazem o mais exigente dos usuários.

Resultados tão auspiciosos, nesses dez anos de atividades, se devem, principalmente, ao trabalho incessante e devotado dos empregados da empresa, aliado ao apoio irrestrito do Governo do Distrito Federal e à valiosa colaboração do Ministério das Minas e Energia, por intermédio do Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica - DNAEE e da Centrais Elétricas Brasileiras S.A. - ELETROBRAS.

Ao longo desses dez anos de existência, houve, entretanto, inúmeros obstáculos a transpor, relevantes problemas a resolver e, acima de tudo, sérios desafios a enfrentar.

O maior deles talvez tenha sido o de manter o ritmo de crescimento necessário ao cabal atendimento da demanda de serviços, proporcionando, ao mesmo tempo, uma qualidade de fornecimento de energia elétrica cada vez mais aprimorada, tendo em vista as exigências da Capital da República.

Nunca é demais lembrar que na década de '60, a população do Distrito Federal cresceu a taxas anuais de 14,4%, enquanto a do Brasil aumentava à razão de 2,9%.

De 1970 em diante, o incremento populacional de Brasília se vem processando em ritmo bastante acelerado, ou seja, a 7,4% ao ano, em média. Esta é uma das razões que explicam o aumento cumulativo do consumo de energia elétrica, na Capital Federal, da ordem de 20% ao ano, nos últimos dez anos, enquanto a média brasileira anual, no mesmo período, foi de 10%.

Parece, todavia, que, em decorrência desse fe-

nômeno, estamos começando a viver, em Brasília, um período de transição que poderá significar o início de uma fase de profundas modificações na vida da comunidade, afetando, inclusive, a empresa concessionária dos serviços de eletricidade.

Com efeito, se não for contido o atual ritmo de expansão demográfica no Distrito Federal, ao fim deste século, ou seja, daqui a apenas vinte e dois anos, cerca de cinco milhões de habitantes estarão pressionando os serviços públicos, com todos os problemas das grandes metrópoles brasileiras, dentre eles a acentuada deterioração da qualidade de vida. Ter-se-á, então, inevitavelmente, uma megalópole. E deixará de cumprir-se o plano original do Professor Lúcio Costa, para quem Brasília deveria constituir-se em cidade viva e aprazível, própria ao devaneio, à especulação, intelectual, ao trabalho ordenado e eficiente.

A CEB, consciente da sua responsabilidade perante a região geoeconômica do Distrito Federal e entendendo que Brasília é a causa do desenvolvimento regional, considera decisiva a participação da energia para que os objetivos previstos no Plano original se transformem em realidade.

Assim é que admite a possibilidade de que se irradie do Distrito Federal novas linhas de transmissão de energia elétrica em direção a áreas mais distantes da região geoeconômica de Brasília, ensejando o surgimento de atraentes polos de desenvolvimento.

Dentre outras vantagens, a medida promoverá a fixação e redistribuição da corrente migratória que demanda o Distrito Federal, trazendo tão pesados ônus para o Governo, e facilitará o aparecimento de fontes opcionais de produtos industriais e agropecuários.

Relativamente ao suprimento de energia elétrica, esta seria a forma de viabilizar o desenvolvimento ordenado da região, propiciando à Capital da República condições para o efetivo exercício de sua função de integração nacional e para a consolidação de sua escala regional.

A presente publicação consta de sete capítulos. O primeiro é exatamente este, à guisa de introdução.

No segundo capítulo - **Evolução dos Serviços de Eletricidade de Brasília** - o leitor poderá obter resposta a diversas indagações que lhe acodem ao espírito, tais como: No início da construção de Brasília, havia alguma fonte de geração de energia elétrica nas proximidades da futura Capital? Qual o equipamento elétrico que gerou o primeiro quilowatt-hora em Brasília? Em que local foi instalado ou construído? Qua a sua potência? E a Usina Hidroelétrica de Saia Velha, qual a sua importância e capacidade? Quando entrou em operação a Usina do Paranó? Quando FURNAS assumiu a responsabilidade do suprimento em grosso à Capital da República? Quais as principais características do sistema elétrico do Distrito Federal? Quais as principais realizações e acontecimentos ocorridos nos dez primeiros anos da CEB?

No terceiro capítulo - **Os Números dos 10 Anos da CEB** - são apresentados os dados técnicos, econômicos e financeiros que demonstram, de modo irrefragável, o desempenho da CEB diante do extraordinário desenvolvimento de Brasília, nos seus dez primeiros anos de atuação.

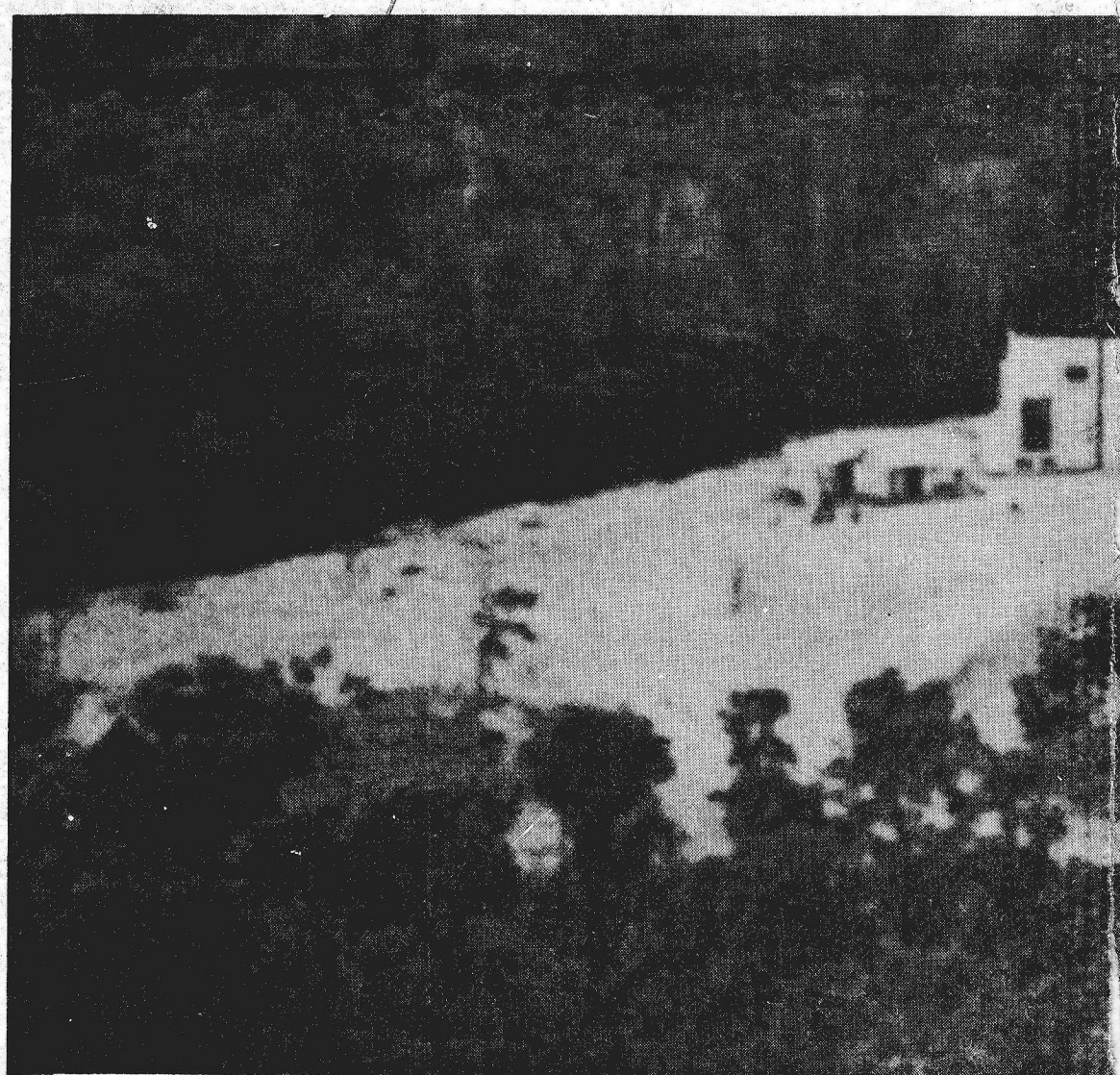
No quarto capítulo, mostra-se que um dos recursos mais poderosos de que a concessionária lançou mão para atingir o sucesso não foi outro senão aquele que, em última análise, representa o seu patrimônio maior: o elemento humano, cada vez mais exaltado, motivado e prestigiado pela CEB.

Enfatizando que o homem não é mero instrumento de produção, mas a própria essência da empresa, retrata-se, fielmente, nesse capítulo, a preocupação com que a Companhia sempre se houve na avaliação e valorização de tão relevante força de trabalho.

Cumprir ressaltar o permanente diálogo existente entre os órgãos de direção e todos os níveis hierárquicos da empresa, sempre na busca das melhores soluções.

Por isso mesmo, o relato se constitui em depoimento assim importante, eis que revela a salutar e constante preocupação em dispensar tratamento condigno e cada vez melhor a quem, de maneira tão expressiva, concorre para que a empresa veja coroada de êxito as finalidades com as quais se acha comprometida e pelas quais se empenha sem esmorecimento.

No quinto capítulo, os depoimentos pessoais espelham uma contribuição, ao mesmo tempo eloquente



Casa de Força da Usina

te e pitoresca, oferecida por elementos da Companhia que se acham profundamente identificados com sua história, estando, por esse motivo, habilitados a falar sobre ela.

É assim que Armando Valle, num toque muito pessoal e utilizando, com maestria, uma linguagem simples, feliz e abrangente, nos diz que fazer cidade é coisa complicada, inclusive porque tem que ter casa, rua, água... e luz.

São apenas algumas linhas, escritas, porém, de maneira espontânea, romântica e imaginosa, em tudo semelhante à das histórias que gostamos de contar para as crianças e - por que não? - para os adultos também.

Outro depoimento é de Paulo Mello - pioneiro autêntico.

Na sua linguagem franca e informal, ele consegue montar maravilhoso painel com fatos e gentes. São fatos sérios, importantes e pitorescos, vividos por gentes pioneiras, candangas, sérias e importantes, que ajudaram a implantar o sistema elétrico de Brasília.

O testemunho do ex - Prefeito de Caxambu constitui mosaico variado e multicolor, congregando uma série de acontecimentos, alguns dramáticos; de natureza política; outros jocosos, como o **blackout** ocorrido, casual e providencialmente, durante os festejos da inauguração de Brasília.

Paulo Mello observa, muito bem, que, na história das entidades responsáveis pelos serviços de eletricidade no Distrito Federal, desde o início até nossos dias, deve ser ressaltada a continuidade filosófica de suas administrações e tributado o merecido preito de reconhecimento daqueles candangos autênticos, cujo ideal sempre foi "conquistar, de fato, o Brasil para os brasileiros".

O terceiro e último depoimento nos é trazido pela palavra de José Paulo Vianna, primeiro Engenheiro - Chefe da Divisão de Redes Elétricas e Telefônicas - DRET, órgão então integrante da estrutura da NOVACAP.

Tal como no relato de Paulo Mello, a descrição, por ele feita, dos lances iniciais da implantação dos serviços de eletricidade em Brasília põe em evidência, com propriedade e realismo, os tropeços e dificuldades que caracterizaram essa etapa dos trabalhos e exalta o idealismo e a firmeza de espírito daqueles que tiveram a seu cargo a execução de uma obra de tamanha envergadura.

A carta do Prof. Lúcio Costa, no sexto capítulo, indicando o partido geral a ser adotado na iluminação pública de Brasília, justifica, por si só, esta publicação.

Pela primeira vez, é dado a lume o **fac-símile** da preciosa missiva, datada de 19 de março de 1960 e dirigida ao grande engenheiro Afrânio Barbosa da Silva, primeiro Chefe do Departamento de Força e Luz de Brasília.

O conteúdo de tão importante documento, pela inspiração e sabedoria com que foi espontaneamente elaborado, assim como pelo toque, podemos dizer, profético, que tão bem o caracteriza, merece ser reverenciado como uma das mais relevantes contribuições em prol da beleza ímpar desta cidade sem par.

Vale a pena deter-se no exame aprofundado de suas sábias formulações, que, revelando, inclusive, um Lúcio Costa compreensivo, romântico e bem humorado, não esqueceram de aconselhar iluminação discreta e desigual, no interior das superquadras, com áreas de iluminação amortecida, próprias ao colóquio e ao namoro caseiro.

Predestinado Lúcio Costa, que, em suas recomendações, tornadas hoje esplêndida realidade, estabeleceu critério dramático, deliberadamente teatral, a ser observado na iluminação da Praça dos 3 Poderes, e previu que o ponto mais intensamente iluminado da cidade viria a ser a plataforma do setor social e de diversões, no cruzamento dos eixos monumental e rodoviário - residencial!

O sétimo capítulo - **Candangos e Pioneiros** - pode, adequadamente, ser rotulado como expressiva mostra fotográfica de um punhado de pessoas e de acontecimentos que as envolveram.

O seu significado, porém, transcende à simples representação objetiva de seres humanos ou apenas à rememoração de fatos, para constituir - se, também, em justa homenagem que a CEB presta ao trabalhador brasileiro, simbolizado no candango heróico e perseverante, que acredita em tudo o que faz, porque deposita a confiança mais absoluta nos gloriosos destinos de sua pátria. Homenagem que se completa na evocação saudosa de todos aqueles que tombaram durante o jornada, muitos deles sacrificando a própria vida no embate da gigantesca empreitada.

Brasília, dezembro de 1978

Evolução dos serviços 2 - de eletricidade de Brasília

O suprimento de energia elétrica foi um dos sérios problemas que os responsáveis pela construção da nova Capital da República enfrentaram desde o início de suas atividades no Plano Piloto Central em fins de 1956.

A região não contava com qualquer fonte de geração de energia elétrica nas proximidades e o prazo, imposto pela data fixada para a inauguração da Capital - 21 de abril de 1960, era relativamente curto para a instalação de uma fonte de energia local, em caráter definitivo.

A alternativa existente seria o aproveitamento da energia elétrica da Usina Hidroelétrica de Cachoeira Dourada, das Centrais Elétricas de Goiás S.A. - CELG, no Rio Paranaíba, divisa dos Estados de Minas Gerais e Goiás, distante quase 400 km de Brasília, cuja construção foi acelerada tendo em vista o surgimento da nova Capital do Brasil.

A Usina de Cachoeira Dourada deveria entrar em operação em 1959, com 32 MW e potência final prevista de 434 MW. Realmente, a primeira etapa da usina foi inaugurada em janeiro desse ano. Entretanto, paralelamente à adoção de providências para o equacionamento do problema de suprimento

de energia elétrica à nova Capital após sua inauguração, outras medidas deveriam ser tomadas pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil NOVACAP objetivando a instalação de fontes de energia elétrica necessárias às atividades administrativas desenvolvidas no gigantesco canteiro de obras.

Assim sendo, já nos primeiros dias de 1957, a energia elétrica de origem hidráulica era gerada, pela primeira vez, no território do futuro Distrito Federal, pela Usina pioneira do Catetinho de 10 HP, instalada em pequeno afluente do Ribeirão do Gama.

Em 19 de dezembro de 1956, a NOVACAP promovia a aquisição de dois motores diesel - elétricos de 90 KVA cada e aprovava a concorrência para a construção da Usina-Piloto de Saia Velha, aproveitando uma queda de 60 m existente no ribeirão do mesmo nome.

Outra pequena usina hidrelétrica foi inaugurada no dia seguinte, com potência de 25 HP, destinada a abastecer a Granja do Ipê, onde se localizava a residência oficial do Presidente da NOVACAP.

Por outro lado, a criação do Lago Paranó ensejou a elaboração do projeto da Usina Hidroelétrica do Paranó, concluída e entregue à NOVACAP em fevereiro de 1958, iniciando-se, em seguida, as obras de construção civil.

Decorridos mais de sete anos da sua inauguração, a Capital do País ainda se ressentia da falta de um plano definitivo de atendimento às respectivas necessidades energéticas, que livrasse seus habitantes de racionamentos cíclicos, a par das permanentemente precárias condições de suprimento de energia elétrica, mesmo fora dos horários de maior demanda.

Novamente com o apoio decisivo e a orientação objetiva do Ministério das Minas e Energia, foi criado, pela Portaria nº 458/67, de 23/05/67, um Grupo de Trabalho, com a participação da então Prefeitura do Distrito Federal, do Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica - DNAEE, da CELG, da ELETROBRAS e do próprio Ministério, este na presidência dos trabalhos, cujo objetivo era o de estudar e equacionar o problema de energia elétrica no Distrito Federal, sob os seguintes aspectos:

- recomendar medidas de emergência, destinadas a reforçar, a curto prazo, o suprimento de energia elétrica ao Distrito Federal;

- examinar, em termos comparativos, as características das novas fontes de suprimento e a expansão das fontes existentes e recomendar um programa de ação visando a ampliar a capacidade geradora do sistema, a partir de 1970; e

- examinar, em profundidade, as condições em que se encontrava a concessão dos serviços de eletricidade no Distrito Federal e recomendar as providências destinadas ao seu aprimoramento.

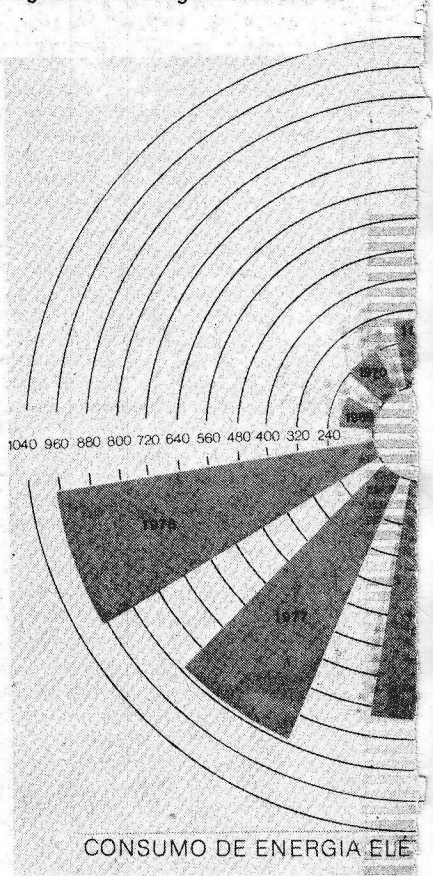
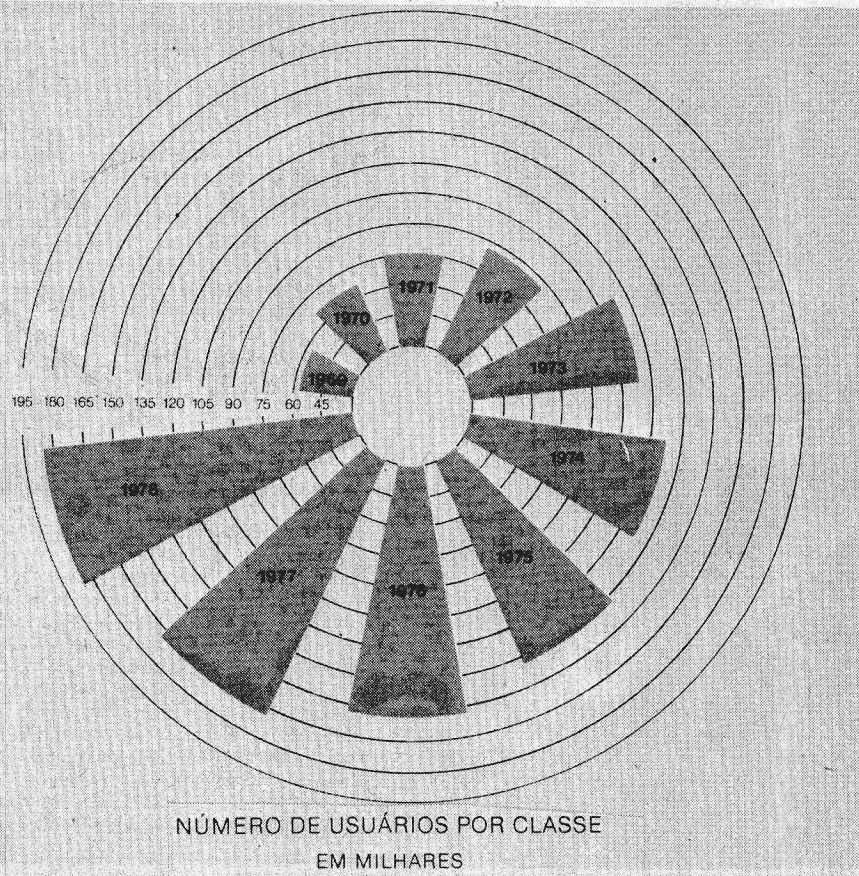
A instituição da CEB permitiu, inicialmente, apenas que a nova empresa se estruturasse e melhorasse paulatinamente o desempenho das respectivas atividades administrativas. Quanto à parte técnica, limitava-se à expansão e ao melhoramento de sua rede de distribuição, enquanto aguardava a definição essencial de um plano de atendimento à Capital, em caráter definitivo, de modo que, a partir dele, pudessem ser desenvolvido um programa de obras de subtransmissão para as cidades-satélites e, ainda, o suprimento definitivo às subestações previstas no projeto elétrico original para o Plano Piloto.

3 - Os números dos 10 anos da CEB

Dentre as inúmeras realizações e acontecimentos que marcaram os dez primeiros anos de sua história e colocaram a empresa em posição de destaque no contexto do setor elétrico brasileiro, cabe mencionar:

1969 - Publicação da ata de constituição da CEB, em 17 de janeiro. - Posse da sua primeira Diretoria em 20 de janeiro. - Publicação, em 28 de julho, do Decreto nº 64.880, que autorizava a CEB a funcionar como empresa de energia elétrica, sucedendo a NOVACAP na concessão para o Distrito Federal.

1970 - Assinatura do Acordo de Investimento e de Compra e Venda de Energia Elétrica, entre FURNAS, CELG e CEB, com intervenção da ELETROBRAS, para suprimento de energia elétrica em grosso ao Distrito





hidroelétrica de Saia Velha

Federal, solucionando definitivamente o problema de abastecimento de Brasília. - Participação do Comitê Coordenador de Operação Interligada - CCOI, ao qual sucedeu o Grupo Coordenador para Operação Interligada - GCOI, que já congregava as doze maiores empresas de energia elétrica da Região Sudeste.

1971

- Reorganização da empresa, pela Diretoria empossada em 30 de abril, com a aprovação de seus novos Estatutos, após estudos de Grupo de Trabalho criado pelo Governador do Distrito Federal, que contou com efetiva orientação da ELETROBRAS.

- Início da implantação do sistema de subtransmissão em 138 kV, como decorrência do acordo firmado no ano anterior.

- Início do Programa de Eletrificação Rural a cargo da empresa, em consequência do convênio assinado com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA.

- Instalação do primeiro computador da Companhia e criação do seu Centro de Processamento de Dados.

1972

- Transferência dos órgãos principais da empresa para a nova sede própria, situada no Setor Comercial Sul.

- Ligação definitiva de todas as cidades - satélites, por meio de linhas de transmissão na tensão de 34,5 kV.

1973

- Operação da primeira etapa do sistema de subtransmissão em 138 KV, compreendendo linhas de subestações que permitiram a interligação definitiva do Sistema da CEB com o Sistema de FURNAS.

- Implantação completa de redes de distribuição em todas as cidades - satélites, o que permitiu alcançar - se o elevado índice de 98% de atendimento à população do Distrito Federal.

- Transferência da responsabilidade do suprimento de energia elétrica, ao Distrito Federal, da CEG para FURNAS, caracterizando - se, assim, a participação efetiva de uma empresa supridora federal no atendimento ao mercado da Capital da República.

- Instalação de um sistema de rejeição de carga, para operar em caso de perda do suprimento externo, visando à continuidade do suprimento, com geração própria da CEB, às áreas prioritárias da Capital.

1974

- Obtenção da plena eficácia econômica - financeira, atingindo - se a remuneração de 12% do investimento remunerável, o máximo permitido pela legislação.

- Alcanço do marco de 100.000 usuários ligados na área de concessão.

- Redução das perdas de energia na distribuição abaixo no nível de 10%, em decorrência de esforço sistemático visando ao melhor aproveitamento das instalações existentes e a uma campanha de regularização de consumidores.

1975

- Manutenção da plena eficácia econômica - financeira alcançada em 1974, atingindo - se a remuneração de 13,5% do investimento remunerável.

- Instalação de 57 MVAr de bancos capacitores em diversos pontos importantes do sistema elétrico, para compensação reativa.

- Paralisação total das unidades térmicas da empresa, atendendo à recomendação do Grupo Coordenador para Operação Interligada - GCOI, no sentido de redução do consumo de combustíveis fósseis pelo setor elétrico brasileiro.

1976

- Início de funcionamento do Centro de Operação do Sistema, que supervisiona a rede elétrica de Brasília, por meio de telemetria, telessinalização e telecomando, através de computador. A automação do Centro visou a otimizar a operação do sistema de modo confiável e eficiente, controlando diretamente nove subestações e a Usina do Paranó.

- Inauguração da nova sede do Departamento Comercial de Distribuição, na Quadra 503 da Av. W/3 Sul.

- Instalação da FACEB-Fundação de Assistência dos Empregados da CEB, com o objetivo de prestar assis-

tência social e previdenciária aos empregados da empresa.

1977

- Classificação, pela terceira vez consecutiva, como a empresa mais rentável do setor elétrico brasileiro, considerado o índice de lucro líquido sobre patrimônio líquido.

- Implantação de horário corrido, de 7 às 21 horas, no serviço de atendimento ao público.

- Deliberação da 12ª Assembleia-Geral Extraordinária que adaptou o Estatuto da empresa à nova Lei das Sociedades por Ações (Lei nº 6.404, de 15-12-76).

- Consolidação da FACEB-Fundação de Assistência dos Empregados da CEB, com a prestação de serviços assistenciais e previdenciários aos seus associados, mediante aplicações superiores a 10 milhões de cruzeiros.

1978

- Atendimento do mercado de energia elétrica pelo sistema da empresa ultrapassando a marca de 1 bilhão de kWh no período de um ano.

- Finalização de um plano biênio de iluminação pública - denominado simplesmente IP - 78 - para a Capital da República e as cidades - satélites mais carentes desse serviço.

- A execução do plano, sob orientação e o suporte financeiro do Governo do Distrito Federal, permitiu a instalação de mais de 15.000 novos pontos de luz, aumentando, em quase 50%, o número de unidades existentes ao final de 1976.

- Criação das Regionais de Distribuição Oeste e Leste, com sedes em Taguatinga e Planaltina, respectivamente. A Regional Oeste é responsável pelo atendimento às cidades - satélites de Taguatinga, Ceilândia, Brasília e Gama e a Regional Leste às cidades - satélites de Planaltina e Sobradinho.

4 - O homem - fator fundamental

O homem não é mero instrumento de produção, mas a essência mesma da organização, que, sem ele, não poderá subsistir nem prosperar.

Segundo a melhor doutrina, esse coeficiente de valia inestimável é produto de três fatores, quais sejam:

- Seu próprio valor;

- O conhecimento que possui da estrutura da empresa;

- Sua motivação para fazê-la funcionar da melhor maneira possível.

Cumprir assinalar que a CEB deveria transformar - se em modelo no setor de distribuição de energia elétrica. Considerada a especialização necessária à operação dos complexos equipamentos que integram seu sistema elétrico, a capacitação do pessoal foi preocupação constante na Companhia desde seu início.

Outro problema sério, criando situação anômala, a exigir correção, decorreria de se acharem obrigados, no mesmo quadro de pessoal, funcionários públicos e empregados regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho.

Além disso, era grave a situação salarial. A retribuição paga pela empresa era complementada, numa tentativa de aproximação com o mercado do setor de energia elétrica, por várias gratificações, que se constituíam em verdadeira colcha de retalhos; assim, existiam, além dos salários: vencimentos, cargos em comissão, funções gratificadas, adicional de tempo de serviço, gratificação por tempo integral, gratificação sobre salário mínimo, horas - extras e salário - família.

Havia, ainda, a chamada "absorção". A absorção originou - se da progressiva supressão da famosa "dobradinha" de Brasília. Essa "dobradinha" era paulatinamente absorvida nos vencimentos, cada vez que havia aumento geral.

Toda essa situação fez com que, em 1971, fosse contratada, pela CEB, firma especializada, a fim de desenvolver os estudos necessários à implantação do seu Plano de Cargos e Salários, incluindo - se, nestes trabalhos a análise, classificação e avaliação de cargos, com o objetivo de dar aos empregados tratamento salarial e quadro de pessoal compatíveis com o mercado de trabalho e a organização do setor elétrico brasileiro.

O Plano de Cargos e Salários da CEB foi aprovado na reunião de 06 de julho de 1972, do Conselho Nacional de Política Salarial - CNPS.

Convém mencionar, também, que a empresa sempre se preocupou em desenvolver programas de motivação de pessoal, visando à efetivação de padrões de desempenho que lhe permitissem alcançar posição de destaque dentre suas congêneres.

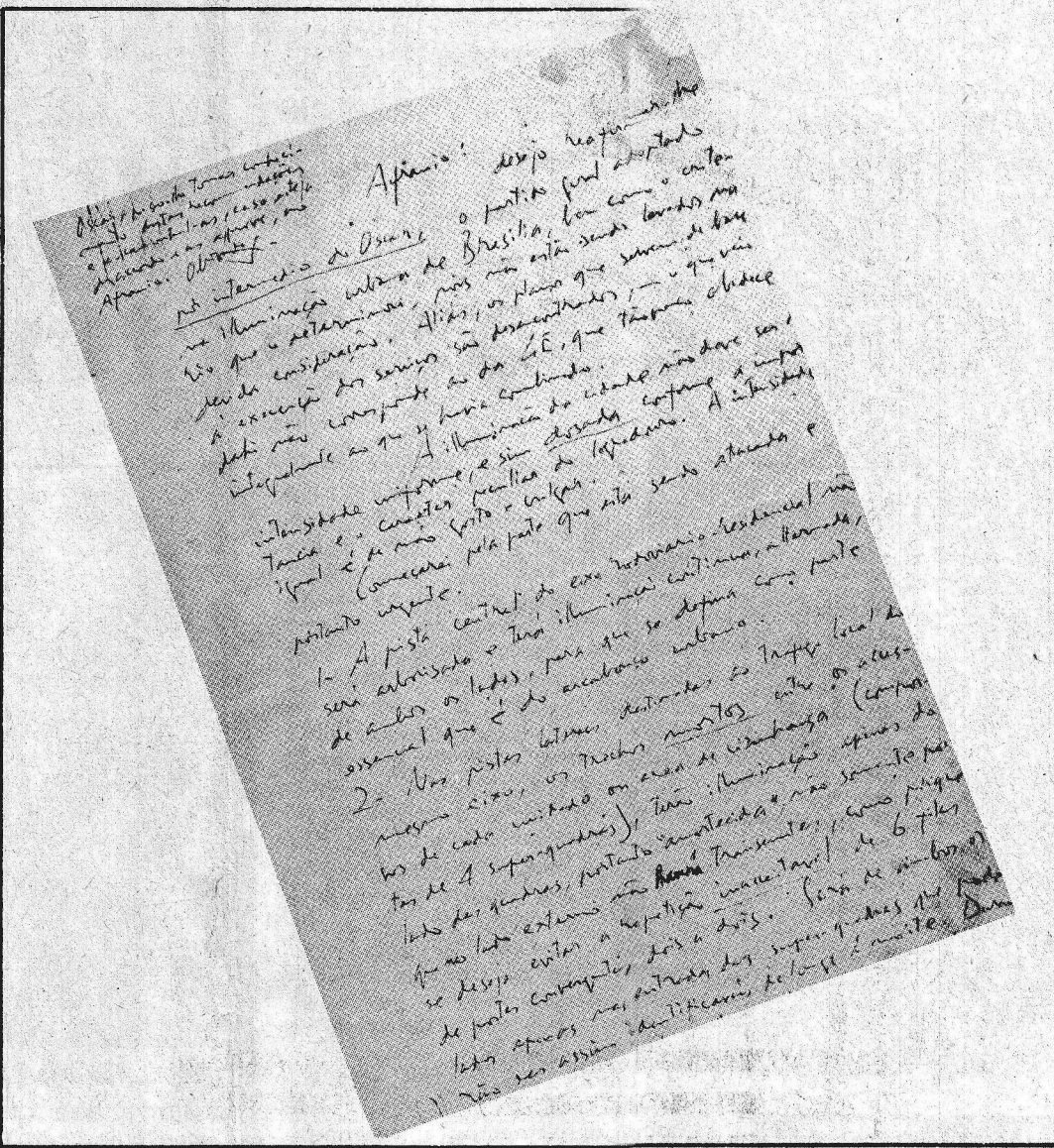
Já no primeiro Estatuto da CEB, aprovado em 1971, foi assegurada a participação dos empregados nos lucros da Companhia, em consonância com os preceitos constitucionais.

Buscando estabelecer critério justo, capaz de produzir resultados eficazes, o Estatuto prevê fórmula de participação nos lucros que apresenta, dentre suas variáveis básicas, parcela correspondente ao resultado do exercício social. Portanto, essa distribuição está diretamente vinculada ao desempenho da Companhia, reflexo da ação de seus empregados.

O ano de 1972 assinala, também, a criação da Coordenação de Desenvolvimento de Recursos Humanos - CDRH, órgão que iniciou tratamento mais racional e organizado da administração de pessoal, promovendo, especialmente, o desenvolvimento de mão - de - obra, aí compreendidos o recrutamento, a seleção, o treinamento, a segurança industrial e a orientação do pessoal, abrangendo o aperfeiçoamento dos executivos de alto nível.

Foram implantados processos seletivos mais rigorosos, mediante entrevistas, testes de conhecimentos genéricos e específicos, exames psicológicos e exames médicos, seguidos por uma etapa de orientação e avaliação profissional, observado período de experiência antes da efetivação do contrato de trabalho.

Contando com a decisiva colaboração do Setor de Saúde da Fundação Eletrobrás de Seguridade Social -



ELETROS, foi instalado, ainda em 1972, o Setor Médico, que se vem encarregando das atividades de medicina preventiva e ocupacional.

A prevenção de acidentes é preocupação constante da administração da Companhia. A engenharia de segurança atua em seu campo de atribuições, não apenas sob o aspecto da prevenção, recorrendo a adequadas medidas de proteção, mas, principalmente, por intermédio do desenvolvimento de padrões operativos corretos.

Em 1º de maio de 1973, foi constituída a Comissão Interna de Prevenção de Acidentes - CIPA, registrada no Departamento Nacional de Segurança e Higiene do Trabalho e seguida, em 1974, da criação de CIPAs nos Departamentos da empresa, todas funcionando de acordo com os regulamentos de segurança industrial estabelecidos pelo Ministério do Trabalho.

É sempre constante a preocupação com os problemas sociais. Promoções - como a instituição da FACEB - Fundação de Assistência dos Empregados da CEB - vêm, exatamente, ao encontro da tendência das modernas doutrinas empresariais, mostrando que não é só mediante a atribuição de valores salariais quantitativos que a Companhia procura a realização do empregado, mas também por meio de atitudes tendentes e aprimorar, constantemente, aquilo que podemos chamar de sua "qualidade de vida".

A FACEB está prestando relevantes serviços assistenciais, bem como proporcionando e complementando benefícios sócio - econômicos e previdenciários, mediante a incorporação de programas sociais já existentes na empresa e a criação de outros.

Projeto de elevada significação social e profissional, ora em desenvolvimento, é o programa de educação integrada, que está conferindo, a todos os empregados carentes de escolaridade, formação do 1º grau, a ser seguida de treinamento profissionalizante.

Tal programa, resultado de convênio assinado entre a CEB e Serviço Social da Indústria - SESI, com a intervenção da Fundação Educacional do Distrito Federal, atenderá a uma clientela de cerca de 300 empregados, elevando significativamente o padrão cultural e mesmo operacional do pessoal da empresa.

É interessante notar que os programas de treinamento da CEB abrangem desde a alfabetização até cursos de pós - graduação, nas áreas de engenharia e de desenvolvimento gerencial. Todos esses projetos vêm sendo integralmente aprovados pelo Conselho Federal de Mão - de - Obra, do Ministério do Trabalho, e gozam dos benefícios fiscais concedidos pela legislação.

Toda essa política de administração de pessoal motivou os empregados a "vestirem a camisa da CEB" e a se sentirem orgulhosos da qualidade dos serviços prestados aos usuários da empresa, que trabalha 24 horas por dia para assegurar o fornecimento de energia necessária ao desenvolvimento econômico e social do Distrito Federal.

5 - Depoimentos pessoais

"ERA UMA VEZ..."

Armando José do Valle
Era uma vez...

Toda história se inicia com essa frase, já tão conhecida.

Era uma vez um homem que resolveu enfrentar o desafio de fazer uma cidade.

E a fez.

Fazer cidade é coisa complicada: tem que ter casa, tem que ter rua, tem que ter água, tem que ter luz...

Aí é que começa a nossa pequena história, na história grande de Brasília.

A cidade, era, lá pelos tempos de mil novecentos e cinquenta e tantos, um canteiro de obras.

No meio da papelada, havia papéis administrativos. E, num deles, existia um quadradinho, vazio, onde se escreveram, sucessivamente, duas siglas importantes de verdade: DRET (Divisão de Redes Elétricas e Telefônicas) e DFL (Departamento de Força e Luz).

Essas siglas mágicas que, acompanhando a transformação do canteiro de obras em cidade, vieram a dar origem, em dezembro de mil novecentos e sessenta e oito, à CEB, empresa que agora, com dez anos de existência, se convence, com orgulho, de que, apagando velinha por velinha, acendeu definitivamente as luzes do Planalto.

"O VISTO E O PARTICIPADO"

Paulo Mello

Era dezembro de 1958, último ano de minha presença à frente da Prefeitura de Caxambu, quando fui ao Rio de Janeiro convidar o Presidente Juscelino Kubitschek para inaugurar a pavimentação da antiga BR - 58, que liga as estações de águas minerais do Estado de Minas com a rodovia Presidente Dutra.

Lá chegando, fui informado pelo Deputado França Campos de que o Presidente somente poderia receber - me no dia seguinte.

Vagabundando pela "cidade maravilhosa", aproveitei para visitar a exposição dos projetos, propostos por diversos arquitetos, para a construção de Brasília.

O de Lúcio Costa já era o vencedor.

Ao entrar no saguão do Ministério da Educação e Cultura, fui contagiado pelo espírito da "marcha para o oeste" e de tal forma que, ali mesmo, diante da ideia do genial arquiteto, desaparecia o prefeito Paulo Mello e surgia mais um candango.

A Usina da Saia Velha já estava em operação, sob a responsabilidade do Departamento de Transporte e Comunicações da NOVACAP.

De março a agosto de 1959, o trabalho da DRET foi o de construir seu acampamento e, no Rio, acompanhar os projetos de transmissão, subestações e redes, preparando as concorrências necessárias para a aquisição de materiais e equipamentos. Supervisionava, ainda, as montagens da Subestação Geral e da linha de transmissão Goiânia - Brasília.

No final de 1959, ocorreu um fato significativo:

Estávamos conduzindo as obras em "ritmo de Brasília" e com a pretensão de que, no dia 21 de abril - dia da inauguração da nova capital - a Asa Sul, Eixo Monumental e a Praça dos Três Poderes estariam efetivamente ligados ao sistema definitivo, todo subterrâneo. E assim aconteceu.

Brasília foi inaugurada, estando todas as residências definitivas da Asa Sul ligadas. Em caráter definitivo, estavam igualmente ligados os Palácios, os blocos dos Ministérios e, ainda na malha; os setores centrais sul. Os eixos Monumental, Rodoviários Norte e Sul, as quadras habitadas e alguns setores de comércio local já contavam com iluminação pública definitiva.

Nisso tudo, outro fato interessante.

O Presidente Juscelino demonstrava desejo de poder ter a visão da forma definitiva de Brasília, iluminada, sobrevoando - a nas vésperas de sua inauguração.

Com força total, iluminamos em 25 dias, o Eixo Rodoviário Norte. Mais tarde, o Departamento de Viação e Obras, ao ensejo da colocação dos meios - fios daquela via, constatou que, se não se refizesse a colocação dos postes, o eixo ficaria meio metro mais estreito do que o seu irmão do sul.

Até hoje, aquela via é mais estreita do que seu irmão Eixo Rodoviário Sul.

Novos reforços vêm em 1963: Marcos Naylor Zerbini, José Lúcio Vianna Braga, João Carneiro Rennó e Gabriel de Oliveira Azevedo.

Todos, engenheiros formados em Itajubá; todos, mineiros, com exceção do Gabriel.

Começava, então, a propalada "panelinha de Itajubá". Por "mera coincidência", o Afrânio e eu éramos, também, formados na mesma escola.

Essa panelinha realmente existiu.

Fabricada intencionalmente?

Respondo com outra pergunta: que culpa tivemos, se somente engenheiros eletricitistas de Itajubá acreditaram, desde o início, em Brasília?

Bem, Esses engenheiros iam chegando - quase todos recém - formados, marinheiros de primeira viagem - e recebiam, de imediato, a responsabilidade de chefias. Não foi fácil entregar os encargos dos problemas energéticos de Brasília a gente sem experiência, pois a medida parecia uma temeridade.

Talvez fosse.

Mas eu acreditava neles. Não sei se pelo entusiasmo que demonstravam ou porque temia a inadaptabilidade.

ção, em Brasília, de técnicos acostumados em rotinas e burocracias já sedimentadas e plenamente organizadas.

Com a revolução de 1964, felizmente, as obras de Brasília retornaram ao ritmo inicial e os problemas pertinentes ao setor de energia elétrica começaram, outra vez, a ser encarados com a seriedade exigida.

Em 1966, o Engenheiro Cyro Machado do Espírito Santo passou a comandar os destinos do Departamento de Força e Luz.

Depois de Cyro, comandou a equipe o Engenheiro Carfaxo, que, em dezembro de 1968, com a criação da Companhia de Eletricidade de Brasília - CEB, foi o seu Superintendente.

Na história da Divisão de Redes Elétricas e Telefônicas - DRET, a qual sucederam o Departamento de Força e Luz - DFL e, finalmente, a atual Companhia de Eletricidade de Brasília - CEB, o que ressalta é a continuidade filosófica de suas administrações, desde o início sob o comando de candangos autênticos e cujo propósito sempre foi o de contribuir, de maneira cada vez melhor, para a realização do ideal responsável pela construção de Brasília; conquistar, de fato, o Brasil para os brasileiros.

Tem sido assim - e Deus permita que assim continue!

"AS PRIMEIRAS LUZES"

José Paulo Vianna

Quando da fundação da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil - NOVACAP, em setembro de 1956, estava o país industrializando - se em ritmo intenso, profundamente empenhado na realização do "Programa de Metas" do Presidente Juscelino Kubitschek. Em consequência, era escassa a oferta de engenheiros e, dificilmente, poderia o NOVACAP disputar - los no mercado, em face dos salários limitados que oferecia.

Dada a pequena quantidade de técnicos da empresa responsável pelo gigantesco empreendimento e, por isso, uma crônica daqueles tempos giraria, incessantemente, em torno de poucos nomes, tão grandes as tarefas de cada um deles - os setores de Eletricidade e Telecomunicações; a falta de melhor pouso, sobram para a Assessoria Técnica da Presidência da NOVACAP, asilo dos assuntos órfãos (e asilo mesmo, pois lá aportava a infinidade de sugestões disparatadas que a ideia da nova cidade provocou no país e no exterior).

Até aqui, relato frio, depoeimento despojado, difícil mesmo, passados vinte anos, que voltam como lembrança dos vóos nem sempre calmos, de alguns erros cometidos e, sobretudo, dos companheiros que já não faltam. E hoje, sem a incrível vitalidade de Jorge Palma e o bom - senso do Cyro, sem a tranquilidade britânica do Peter, a amizade tão segura do João Milton Prates, a sinceridade rude do Doutor Israel Pinheiro e sem a figura, irradiando grandeza, do Presidente Juscelino Kubitschek ficamos surpreendentemente alegres ao pensar neles e na alegria que, seguramente, teriam, sabendo que a Companhia de Eletricidade de Brasília, a qual todos eles emprestaram algo, se destaca como primeira entre pares, da forma pela qual eles gostariam que fosse tudo que se relacionasse com Brasília.

6 - Carta do Prof. Lúcio Costa

Oscar, peço - lhe tomar conhecimento destas recomendações e encaminha - las, caso esteja de acordo e as aprove, ao Afrânio.

Obrigado, Lúcio.

Afrânio:

desejo reafirmar - lhe, por intermédio do Oscar, o partido geral adotado na iluminação urbana de Brasília, bem como o critério que o determinou, pois não estão sendo levados na devida consideração. Além, os planos que servem de base à execução dos serviços são desencontrados, o que veio daí não corresponde ao da CE, que tão pouco obedece integralmente ao que se havia combinado.

A iluminação da cidade não deve ser de intensidade uniforme, e sim dosada conforme a importância e o caráter peculiar do logradouro. A intensidade igual é de mau gosto e vulgar.

Começarei pela parte que está sendo atacada e portanto urgente.

1 - A pista central do eixo rodoviário - residencial não será arborizada e terá iluminação contínua, alternada, de ambos os lados, para que se defina como parte essencial que é do arcabouço urbano.

2 - Nas pistas laterais destinadas ao tráfego local do mesmo eixo, os trechos mortos entre os acessos de cada unidade ou área de vizinhança (composta de 4 superquadras), terão iluminação apenas do lado de fora, portanto "amortecida", não somente porque no lado externo não haverá transeantes, como porque se deseja evitar a repetição inaceitável, de 6 filas de postes convergentes dois a dois. Serão de ambos os lados apenas nas entradas das superquadras que poderão ser assim identificadas de longe à noite. Durante o dia o serão pela arborização prevista para o local.

3 - As curvas em rampa para o acesso às quadras não devem ter postamento senão nos níveis de início e chegada. Ficará muito mal a postação a meia altura. Tratando - se de curvas de mão única e raio contínuo não vejo inconveniente na atenuação luminosa uma vez que o conjunto da área é suficientemente iluminado. Se a experiência futura o exigir - se - a recorrer a iluminação baixa de simples balizamento.

4 - Nos eixos de acesso entre quadras os postes devem ser menores e a iluminação menos intensa, uma vez que será complementada pela iluminação das vitrines das próprias lojas e respectivos letreiros luminosos.

5 - Nas praças centrais de distribuição às quadras, os postes não podem estar no eixo conforme figura na planta, bloqueando a vista da igreja, ou da escola, e sim um de cada lado.

6 - No interior das superquadras o critério é garantir atmosfera recolhida e íntima; a iluminação deve ser discreta, com postes baixos e luminárias cegas do lado dos edifícios a fim de não ofusca - los, e deverá ser desigual, com áreas de iluminação amortecida próprias ao colóquio e ao namoro caseiro.

7 - A via de comércio W/3 não deve ser intensamente iluminada como está projetado. Trata - se de via secundária. A importância indevida que lhe vem sendo atribuída é lamentável; decorre apenas de incompreensão pela circunstância de ser a primeira área aproveitada para fins comerciais, a iluminação dela deverá ser estabelecida em função da cidade já pronta, obedecendo, portanto, a determinada hierarquia. Os postes deverão ser menores e a iluminação deverá contar muito menos que a do eixo rodoviário, tanto mais que será intensificada - como no caso do comércio local das entrequadras - pela dos letreiros e vitrines.

8 - Nas pistas de mão única na Esplanada dos Ministérios, a iluminação postada será de um lado apenas, isto é, do lado da faixa central gramada; do lado oposto as empenas dos edifícios serão iluminadas por projetores dispostos de costas para direção do tráfego, iluminação esbatida em sentido decrescente de baixo para cima; os pavimentos térreos dos próprios edifícios serão iluminados na proporção devida a fim de assegurar o efeito geral desejado.

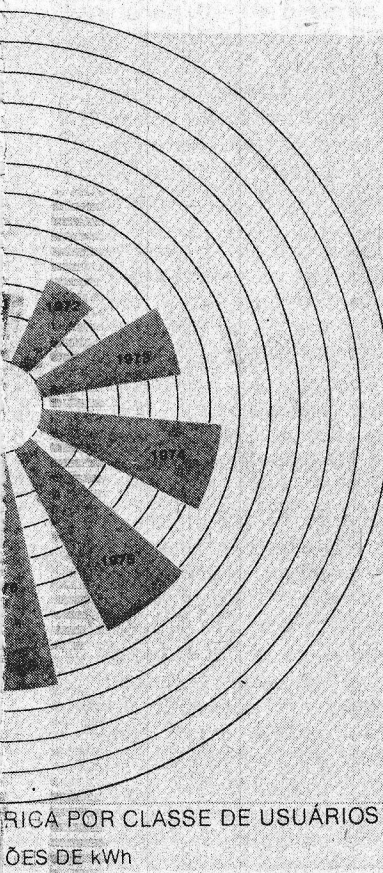
9 - Na praça das 3P, prevalecerá critério dramático, deliberadamente teatral. Para tanto não haverá recorrente - se a iluminação dos próprios edifícios com projetores (flood - light) e do espelho d'água, bem como a iluminação parcial interna do anexo. Futuramente o fórum de palmeiras imperiais também deverá ser iluminado com projetores. A sensação será de suspensão e serena grandiosidade.

10 - Dentro de alguns anos, o ponto mais intensamente iluminado da cidade será a plataforma do setor social e de diversões, no cruzamento dos eixos monumental e rodoviário - residencial, devido aos extensos paredões destinados a fixação de anúncios e propaganda luminosa.

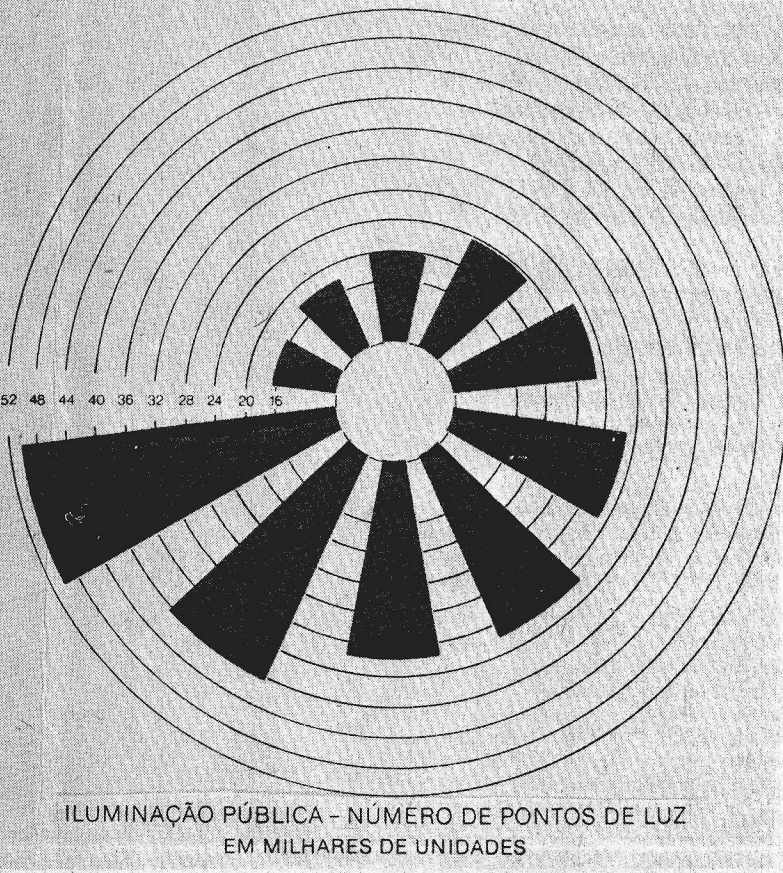
Um abraço. Conto com o seu interesse e compreensão.

LÚCIO COSTA

19/III/60



GRÁFICA POR CLASSE DE USUÁRIOS
KWH



ILUMINAÇÃO PÚBLICA - NÚMERO DE PONTOS DE LUZ
EM MILHARES DE UNIDADES